

## CÚPULA DO P20

## Compromisso para valorização da mulher

Carta de Alagoas, entregue a Lira, recomenda ações ao empoderamento feminino

» CAMILA CURADO

O primeiro dia da 10ª Cúpula de Presidentes dos Parla-mentos do G20 (P20) na Câmara dos Deputados foi dedicado ao debate sobre igualdade de gênero. A *Carta de Alagoas*, documento com 17 recomendações para ampliar a representatividade feminina na política, foi entregue oficialmente ao presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL), pelas mãos da senadora Leila Barros (PDT-DF) e de Benedita da Silva (PT-DF).

A carta contém o resultado das discussões da 1ª Reunião de Mulheres Parlamentares do P20, realizada em julho em Maceió. Segundo as parlamentares, o evento de ontem, com a temática *Rumo à implementação das recomendações da 1ª Reunião de Mulheres Parlamentares do P20* representa a continuidade do debate iniciado na capital alagoana.

Para a senadora Leila Barros, líder da bancada feminina no Senado, a carta é um instrumento fundamental para construir um futuro mais justo para homens e mulheres. "É uma ocasião especial entregar oficialmente a *Carta de Alagoas*. Esse documento é mais do que uma carta; é um compromisso concreto que precisa ser sustentado por ações legislativas e cooperação internacional", defendeu.

Eleita coordenadora-geral dos Direitos da Mulher pela Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados em 2023, a deputada Benedita da Silva comemorou o avanço de promover um encontro exclusivo para mulheres parlamentares. Ela foi aplaudida durante seu pronunciamento, no qual destacou a histórica luta das mulheres pelos direitos básicos, tradicionalmente concedidos aos homens.

"Muitas pessoas ainda nos perguntam por que esse recorte, se somos todos iguais. Eu, então, questiono: se fosse assim, não teríamos levado 400 anos para obter o direito de votar e sermos votadas, e conquistar um assento no parlamento", disse. Benedita ressaltou, ainda, a importância de um fórum onde a igualdade de gênero possa ser discutida nos temas do G20, como governança global, erradicação da pobreza e fome, sustentabilidade e justiça climática, sob a ótica de gênero e raça.

O papel da mulher foi destaque nas falas das lideranças nas três sessões de trabalho. "A autonomia das mulheres contribui para a redução da pobreza e para o desenvolvimento da sua comunidade, criando condições para que as mulheres possam prosperar economicamente", ressaltou Leila.

A segunda secretária da Mesa da Câmara dos Deputados, deputada Maria do Rosário (PT-RS), que dirigiu a primeira sessão de trabalho, declarou que o P20 se torna "a marca profunda

Marina Ramos/Câmara dos Deputados



Lira recebe a Carta de Alagoas no plenário da Câmara: não há desenvolvimento sem igualdade de gênero

e compromisso com a justiça" do Brasil. A parlamentar pediu urgência no planejamento de medidas de prevenção às catástrofes climáticas, lembrando da tragédia que o Rio Grande do Sul enfrentou este ano. "Os mais pobres, mulheres, crianças, negros e negras, povos originários são os mais atingidos", acrescentou.

Para Leila, o sucesso do foro será medido "pela nossa capacidade de transformar essas recomendações em ações práticas". "Vamos trabalhar juntas para que nossos parlamentares, nossos cidadãos, e as futuras gerações possam viver num mundo mais sustentável e com igualdade de gênero", prometeu, diante de representantes de quase 20 países presentes na Plenária.

## Autonomia feminina

Ainda na abertura do evento, o presidente da Casa, Arthur Lira, enfatizou o aumento de mulheres eleitas nas recentes eleições municipais, que passaram de 16% para 18,2%. Ele reconheceu o papel do Observatório Nacional da Mulher na Política nesse avanço e mencionou as conquistas recentes das mulheres na política brasileira.

O presidente da Câmara ressaltou que a evolução social passa necessariamente pela valorização das mulheres. "Não há como falar de combate à fome, à pobreza e à desigualdade se não avançarmos na promoção da igualdade de gênero, da autonomia econômica feminina e da superação do racismo", defendeu.

"Não há como falar de desenvolvimento sustentável sem abordar a posição das mulheres, especialmente aquelas em situações mais vulneráveis. São elas as que são as que mais sofrem



Muitas pessoas ainda nos perguntam por que esse recorte, se somos todos iguais. Eu, então, questiono: se fosse assim, não teríamos levado 400 anos para obter o direito de votar e sermos votadas, e conquistar um assento no parlamento"

Benedita da Silva (PT-RJ), deputada federal

os impactos da mudança climática", acrescentou.

## Representação

Dos mais de dez países que discursaram no Plenário da Câmara, a primeira presidente da Assembleia Nacional da Angola, Carolina Cerqueira, destacou o P20 como uma "evolução inédita" para a comunidade internacional. Segundo ela, o parlamento angolano tem 87 deputadas, um nível de representatividade de 39,5%, maior que a média mundial.

"Meu país tem duas particularidades interessantes: as mulheres constituem 51% da população de 36 milhões de habitantes. É um dos países mais jovens do mundo, com uma média de idade de 17 anos, e com alta taxa de natalidade: quatro filhos por mulheres. E isso nos traz grandes

desafios", relatou. Ela falou da dificuldade da mulher africana em ter acesso à educação, predominantemente em zonas rurais. "E quando ocupam cargos de liderança, enfrentam o preconceito de gênero, pois não acreditam que tenham chegado até ali por serem capazes", contou, mencionando o impacto negativo que isso gera nas gerações futuras.

Carolina fez um apelo aos países desenvolvidos para ajudar os em desenvolvimento por meio de um apoio internacional para financiar bolsas para jovens e meninas e fortalecer programas de formação técnica voltadas para mulheres. "Devemos capacitar as mulheres com os recursos necessários para transformar sonhos e realidades", argumentou.

A presidente da União Interparlamentar (UIP), Tulia Ackson, membro do parlamento da Tanzânia, em seus dois momentos de fala, abordou a importância da paridade nos governos. Mas que isso não é suficiente. "Precisamos unificar a voz das mulheres e suas lideranças nos parlamentos e superar as barreiras persistentes que impedem as mulheres de participarem na vida política, com discriminação, assédio, e violência de gênero", declarou.

Em um estudo sobre a violência de gênero contra as mulheres a nível global, Tulia informou que 80% das lideranças femininas sofreram violência psicológica em algum momento durante o mandato no parlamento. Em especial as mulheres jovens, com deficiência e demais minorias. "Isso não é aceitável, principalmente em instituições que deveriam ser exemplo", afirmou.

O P20 terá programação ainda hoje e na sexta-feira, e contará com 127 parlamentares de 23 países, incluindo 14 presidentes e 13 vice-presidentes de parlamentos.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Lula ergue a bandeira branca para Trump

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) parabenizou o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, pelo retorno dele à Casa Branca após quatro anos. "Meus parabéns ao presidente eleito Donald Trump pela vitória eleitoral e retorno à presidência dos Estados Unidos. A democracia é a voz do povo e ela deve ser sempre respeitada", escreveu Lula. A mensagem equivale a uma bandeira branca, após o presidente brasileiro, às vésperas da eleição, ter afirmado que torcia pela vitória da vice-presidente Kamala Harris, a candidata democrata, e via o republicano, o presidente eleito, como uma ameaça à democracia.

Lula não tem outra opção, precisa manter boas relações com o novo presidente dos Estados Unidos, ainda que ele seja um aliado incondicional do ex-presidente Jair Bolsonaro. Nesse caso, o que prevalece não é posição ideológica do PT, cuja presidente, Gleisi Hoffmann, na nota que o partido divulgou sobre a eleição de Trump, parecia menos preocupada com Trump e mais com o pacote fiscal que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad está prestes a anunciar, para conter a inflação e a escalada dos juros.

A posição de Lula reflete o posicionamento estratégico do Itamaraty, que lida com um cenário internacional completamente novo, que pode ser ameaçador do ponto de vista da política interna, mas também oferece oportunidades para o Brasil na geopolítica mundial. A eleição de Trump deve acelerar a reestruturação das cadeias de valor globais, em razão da guerra comercial entre Estados Unidos e China, e o Brasil precisa se reposicionar de forma equilibrada e sagaz nesse jogo.

Para enfrentar a China, os estados Unidos precisam de mercados alternativos. Isso cria oportunidades para o Brasil aumentar suas exportações para os dois países. Tanto empresas norte-americanas como chinesas estão realizando investimentos fora da Ásia, principalmente nos setores de tecnologia, automotivo e manufaturas. Podemos também nos beneficiar de um novo boom de exportações de produtos agrícolas e minérios para a China, que busca segurança alimentar e de matérias-primas. De igual maneira, os Estados Unidos tendem a ampliar a compra de soja, carne, petróleo e manufaturas brasileiras.

Entretanto, será preciso administrar os aspectos negativos dessa reestruturação, como a dependência em relação aos insumos chineses, as pressões internas e externas para um alinhamento automático aos Estados Unidos ou à China e a nossa instabilidade econômica, que já afeta o câmbio, a inflação e a taxa de juros, que ontem subiu meio ponto percentual, chegando a 11,25% (Selic).

## Sócios

Sem dúvida, Lula perdeu com a eleição de Trump, mas não está sozinho. Alguns líderes mundiais estão perdendo até mais. São sócios da derrota de Kamala Harris os principais atores da União Europeia: Emmanuel Macron (França), Olaf Scholz (Alemanha) e Ursula von der Leyen (presidente da Comissão Europeia). No leste europeu, perdem Donald Tusk (Polônia) e Volodymyr Zelensky (Ucrânia), que não é um aliado de Lula por causa de suas relações com Putin.

O trabalhista Keir Starmer (Reino Unido) e o socialista Pedro Sanchez (Espanha) também saíram perdendo, assim como os falcões da (OTAN) Organização do Tratado do Atlântico Norte. Na América Latina, perdem Gabriel Boric (Chile), Gustavo Petro (Colômbia) e Lopes Obrador (México). Outros players da política mundial estão na mesma situação: o progressista Justin Trudeau (Canadá), Cyril Ramaphosa (África do Sul), Tsai Ing-wen (Taiwan) e Yoon Suk-yeol (Coreia do Sul).

Em contrapartida, a grande coalizão de extrema-direita tem agora um líder que a transforma numa força mais coesa e decisiva na política mundial. Além do ex-presidente Jair Bolsonaro, que sai fortalecido das eleições americanas, Trump terá como aliados Viktor Orbán (Hungria), Marine Le Pen (França), Giorgia Meloni (Itália), Javier Milei (Argentina), Santiago Abascal (Espanha), Recep Tayyip Erdoğan (Turquia), Benjamin Netanyahu (Israel), Shigeru Ishiba (Japão), Narendra Modi (Índia) e Rasmus Paludan (Dinamarca), recentemente condenado na Suécia por queimar o Alcorão.

Nove entre cada dez analistas avaliam que a eleição de Trump é boa para Vladimir Putin, porém, para isso, será preciso suspender as sanções econômicas contra a Rússia e confrontar os aliados europeus, que veem os russos como ameaça. Nesse cenário, como ficaria a relação com o Brics, cuja expansão é patrocinada pela China e que já vinha sofrendo restrições dos Estados Unidos?

Trump é pragmático nas relações bilaterais e despreza o multilateralismo. O eixo de sua política externa será a disputa comercial com a China, sobretudo para evitar a criação de uma moeda própria do Brics. Por isso, o Brasil será muito pressionado a moderar sua estratégia de fortalecimento do chamado Sul Global, assim como a África do Sul, que depende da ajuda financeira americana. A Rússia terá maior margem de manobra para um acordo de paz na Ucrânia. Finalmente, a Índia, aliada dos Estados Unidos, será estimulada a emular com a China, pois atualmente é a economia em maior expansão na Ásia.

## Janja visita galeria dos presidentes: "Vários não merecem estar aqui"

Victor Correia/CB/D.A. Press



A primeira-dama Janja da Silva visitou ontem a recém-inaugurada galeria dos presidentes no Palácio do Planalto. Aos jornalistas que acompanharam a visita, ela brincou: "Tem vários que não merecem estar aqui". Perguntada sobre a eleição de Donald Trump, a primeira-dama preferiu não comentar. A galeria dos presidentes foi destruída nos ataques de 8 de janeiro. Restaurada, foi reinaugurada ontem. Além dos retratos dos ocupantes da Presidência, o espaço exibe um registro da destruição causada após o ataque. As fotos dos ex-presidentes estão em preto e branco, enquanto o retrato do atual chefe do Executivo está colorido.